

Discurso, Texto e Género: abordagens díspares ou complementares?

Discourse, Text and Genre: competing or complementary approaches?

SANTOS, JOANA VIEIRA
jovieira@fl.uc.pt

Doutora em Linguística pela Universidade de Coimbra (2000)
Professora Associada da Universidade de Coimbra (Portugal)
Membro do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6711-8113>

SILVA, PAULO NUNES DA
paulo.silva@uab.pt

Doutor em Linguística pela Universidade Aberta (2006)
Professor auxiliar da Universidade Aberta (Portugal)
Membro do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9462-7717>
Investigação levada a cabo no âmbito do Projeto Estratégico da unidade de I&D CELGA-ILTEC, com financiamento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT (UIDB/00022/2020).

PALAVRAS-CHAVE:
Estudos de Discurso;
Discurso Académico;
Género;
Introdução.

RESUMO: O artigo discute a possibilidade de construir um modelo compósito para análise de géneros em Estudos do Discurso. Compara o conceito de género no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD, Bronckart, 1997), na Linguística Sistémico-Funcional (Rose e Martin, 2012) e na Linguística Textual (Adam, 2008), sublinhando divergências e abordagens comuns. O modelo inclui contributos do Discurso Académico em Inglês, como os movimentos e passos da fórmula *Create a Research Space* (Swales, 1990, 2004), tal como adaptados por Bunton (2002) às introduções de teses de doutoramento; pacotes lexicais (Biber, 2005) e mecanismos de realização textual (Coutinho e Miranda, 2009). Este modelo é aplicado à análise de textos retirados do género incluído *introdução* em 60 artigos científicos publicados entre 2013 e 2022. Independentemente da área disciplinar, emergem padrões de pacotes lexicais no plano composicional do texto, uma preferência por ligações lógicas de oposição num esquema problema-solução e opções por adjetivos persuasivos para caracterizar a pesquisa. Estes resultados sugerem haver vantagens em combinar conceitos de enquadramentos distintos na análise dos géneros textuais.

KEY-WORDS:
Discourse Studies;
Academic Discourse;
Genre;
Introduction.

ABSTRACT: This paper discusses the possibility of building up a composite model for genre analysis in Discourse Studies. It compares the concept of genre within Sociodiscursive Interactionism (ISD, Bronckart, 1997), within Systemic-Functional Linguistics (Rose & Martin, 2012) and within

Textual Linguistics (Adam, 2008), highlighting both their divergencies and proposing common approaches. The model also includes contributions from English Academic Discourse such as moves and steps from the analysis formula *Create a Research Space* (Swales, 1990, 2004), adapted by Buntton (2002) for PhD introductions, concepts such as lexical bundles (Biber, 2005) and textual realization devices (Coutinho & Miranda, 2009). The model is applied to texts taken from the included genre *introduction* in 60 research articles published between 2013 and 2022. Irrespective of the disciplinary area, analysis shows the emergence of lexical bundle patterns in the text structure, a preference for opposition linking words in a problem-solution structure and choices of persuasive adjectives applied to the research. Results suggest the advantages of combining concepts from different frameworks in genre analysis.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma discussão sobre possíveis benefícios e eventuais desafios relativos à adoção de concetualizações de quadros teóricos distintos em pesquisas nos estudos do texto e do discurso, analisando, de seguida, a secção introdutória de artigos científicos como exemplo ilustrativo. O principal objetivo consiste em sopesar dificuldades e oportunidades, ilustrando ambas com exemplos em que a conciliação de conceitos e metodologias se traduz na otimização de resultados. Em particular, argumenta-se a favor da conjugação de propostas oriundas de enquadramentos distintos, mas criteriosamente seleccionadas, que pode promover uma visão mais global dos fenómenos textuais. O trabalho apresenta assim uma dupla valência, teórica e aplicada.

Parece ser consensual a ideia de que os estudos do texto e do discurso se caracterizam pelo seu carácter fragmentário. A constatação enraíza-se, em primeiro lugar, no facto de as pesquisas se basearem na análise de textos de *corpora* que, mesmo com elevados índices de representatividade, suscitam resultados necessariamente parcelares, por incidirem num pequeníssimo fragmento das práticas discursivas de uma dada formação sociodiscursiva (na aceção de Bronckart, 1997). Em segundo lugar, existem múltiplas perspetivas teóricas, com conceitos e metodologias particulares, como acontece com a Linguística Sistémico-Funcional (LSF, Halliday, 2014) e com o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD, Bronckart, 1997). Quanto mais específico e singular é o conjunto de concetualizações e de propostas, menos poroso e suscetível de se abrir a outras perspetivas se torna o respetivo enquadramento.

Numa fase em que múltiplos quadros teóricos percorreram já um longo caminho de reflexão crítica nos estudos do discurso, vale a pena refletir sobre modos de estabelecer pontes

entre alguns deles. Tal reflexão pode ser útil em si mesma, na medida em que permite lançar luz sobre aspetos que aproximam e afastam as perspetivas de análise. Mas há também vantagens de um ponto de vista prático, se contribuir para uma efetiva aproximação e colaboração entre pesquisadores de áreas distintas, procurando analisar fenómenos textuais e discursivos de forma mais abrangente.

A constatação de que os estudos do discurso configuram uma área fragmentada, do ponto de vista dos múltiplos enquadramentos teóricos que congrega, pode favorecer propostas teórico-metodológicas diversas, nomeadamente se forem relevantes para os objetivos visados. Em alguns casos, uma conciliação contribui para evitar o perigo de constrição a uma só escola e de rejeição liminar do que tiver origem num enquadramento teórico diferente. Ao invés, a adoção de conceitos operatórios e metodologias divergentes, poderia eventualmente desvelar outros resultados importantes. É com essa ideia em mente que serão expostas, a seguir, algumas reflexões acerca de possíveis vantagens de uma abordagem compósita dos fenómenos do discurso.

Na secção 2, são comparadas propostas que permitem aproximar quadros teóricos diversos, considerando uma categoria central – o conceito de género. Na secção 3, a título ilustrativo, analisam-se textos do género incluído *introdução de artigo científico*, que reúne contributos de diversos enquadramentos. Na secção 4, por fim, são sistematizadas as ideias-chave que resultam das reflexões apresentadas e da análise efetuada.

2. ABORDAGEM COMPLEMENTAR DE QUADROS TEÓRICOS

2.1. DIFICULDADES E DESAFIOS

Adotar propostas de mais do que um quadro teórico comporta aspetos positivos e negativos. Uma desvantagem evidente decorre da coerência interna de um dado enquadramento, o que lhe confere elevados índices de consistência: dado o campo que se propõe explorar, a conceptualização está em sintonia com os objetivos visados. Objeto de estudo, conceitos operatórios e metodologias adequam-se aos objetivos que se pretende alcançar. Inserir outros conceitos ou métodos pode danificar essa coerência interna, conduzindo mesmo, em casos mais extremos, a incongruências ou contradições.

Mas também há vantagens inegáveis. Adotar propostas de mais do que um quadro teórico permite acolher pontos de vista distintos acerca do mesmo objeto de estudo. Nesse sentido, configura uma atitude de pesquisa menos parcelar e mais holística do objeto, em que uma dada perspetiva complementa outra, permitindo que se obtenha uma compreensão global do objeto de análise. A título de exemplo, nos estudos de discurso, pode concatenar-se uma abordagem através do objeto *texto*, com contributos da Linguística Textual (Adam, 2008), situando-o no seu contexto de produção e circulação – a formação sociodiscursiva – segundo preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD; Bronckart, 1997) e da Análise do Discurso segundo as propostas de Maingueneau (2014). O recurso a conceitos operatórios de linguística formal, como a identificação de classes de palavras e das suas estruturas sintáticas, ou o reconhecimento de determinadas combinatórias de lexemas, como os pacotes lexicais (Biber, 2005), pode igualmente enriquecer a macroanálise, escorando-a com evidências patentes no próprio objeto de estudo que é o texto.

De acordo com esta perspetiva, talvez não seja excessivo afirmar que o enraizamento restrito num determinado enquadramento pode ficar, de algum modo, refém do que ele prevê, dado que não é possível ver além dos limites que esse mesmo enquadramento inevitavelmente impõe. É verdade que não suscita incoerência nem inconsistências internas, mas essa posição pode corresponder a observar a realidade de um único ponto de vista, pelo que a pesquisa corre o risco de ser parcelar. Dado que o discurso é complexo, porque múltiplo e heterogéneo, quando se pretende obter uma panorâmica mais completa, deve colocar-se a hipótese de a conjugação de outras perspetivas de análise e observação se revelar uma opção proveitosa.

Em suma, adotar propostas de mais do que um enquadramento, salvaguardada a sua compatibilidade e pertinência, pode resultar num enriquecimento do estudo efetuado, seja por via dos conceitos operatórios congregados, seja por via das metodologias combinadas, seja por via dos resultados. A investigação pode tornar-se mais abrangente do que o permitido pelos preceitos de um único quadro teórico.

Todavia, há dificuldades nestas articulações. No caso dos estudos do discurso, designadamente os que optam por uma abordagem dos textos enquanto produtos de linguagem, isto é, por uma abordagem mais próxima do que é familiar à linguística tradicional, um obstáculo significativo encontra-se na conceptualização dos géneros em que necessariamente se inserem esses mesmos textos, ou, mais precisamente, nos critérios a aplicar a uma taxonomia de géneros e nas categorias previstas. Esse é, por isso, um conceito nuclear que importa dilucidar.

Géneros textuais ou discursivos são classes de textos que aparentemente todos reconhecem. Porém, há mais do que uma conceção de género que subjaz a diferentes perspetivas de análise. Dito de outro modo, a designação “género” refere-se a categorias (ou classes) diferentes e

é suscetível de ser caracterizada com base em concetualizações distintas, que dependem dos critérios adotados para classificar os textos (ou os excertos textuais) e dos modos como as classificações emergiram.

Por exemplo, as categorias *tese de doutoramento, romance, decreto-lei, editorial e encíclica* são consensualmente reconhecidas como classes de géneros no seio de diversos quadros teóricos, como o Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997; Schneuwly e Dolz, 1999, 2004), a Análise Textual dos Discursos/Linguística Textual (Adam, 2008), a Análise do Discurso (Maingueneau, 2014), o Inglês para Fins Específicos/Académicos (Swales, 1990, 2004), o movimento *Writing Across the Curriculum* (Bazerman et al., 2005) e os Estudos Retóricos dos Géneros (Devitt, 2004). Porém, essas classes não são consideradas géneros no seio da Linguística Sistémico-Funcional (Rose e Martin, 2012), que distinguirão géneros como *o relato procedimental e o relato histórico*, entre outros. Não obstante, é notório que todos estes quadros se valem do material linguístico para explicar de que maneira os géneros constroem sentidos nucleares para a semiotização social das comunidades nas quais circulam os respetivos textos. Por isso, vale a pena aprofundar o tema, desenvolvendo algumas reflexões sobre o conceito de género no âmbito de tais enquadramentos.

2.2. AFINIDADES ENTRE O GÉNERO NA LINGUÍSTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL (LSF), O TIPO DE TEXTO SEGUNDO WERLICH (1983) E O TIPO DE SEQUÊNCIA TEXTUAL SEGUNDO ADAM (1992)

A Linguística Sistémico-Funcional (LSF) é um dos mais fortes e enraizados enquadramentos nos estudos sobre o discurso que, tal como outros que foram já referidos, se centram preferencialmente no conceito de género, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento

dos estudos na área do discurso. Em particular, tem obtido resultados muito relevantes, pelo menos no que diz respeito a modos de didatizar a leitura e a escrita, no âmbito da escolaridade obrigatória (em Portugal, os ensinamentos básico e secundário).

Todavia, a sua conceção de género distingue-se da que é comum a outros quadros e disciplinas. De facto, no âmbito da LSF, são reconhecidos como géneros classes como o relato, a narrativa, a notícia jornalística, o relato histórico, a explicação sequencial, a explicação fatorial, a instrução, a exposição, a discussão, a opinião e a resenha, entre outras possíveis. A mais recente versão da tipologia proposta por Rose e Martin (2012) inclui 22 géneros distribuídos por sete famílias: histórias, estruturas históricas, relatórios, procedimentos, argumentos, reações a textos e explicações. As famílias de géneros ancoram-se, por sua vez, em três propósitos sociais específicos (envolver, informar e avaliar), e cada género caracteriza-se, em todos os casos, de acordo com duas propriedades: o seu objetivo comunicativo e a sua estruturação.

Esta exposição abreviada suscita duas reflexões importantes. Por um lado, as designações dos géneros na LSF não correspondem, em múltiplos exemplos, às etiquetas reconhecidas noutros quadros¹.

Por outro lado, algumas designações de certos géneros no seio da LSF assemelham-se às etiquetas de tipos de textos ou de tipos de sequências textuais usadas noutros quadros: *narrativa*, *exposição* e *instrução* parecem equivaler a categorias previstas na tipologia de tipos de textos de Werlich (1983) (tipos *narrativo*, *expositivo* e *instrucional*). E *narrativa* é uma classe também prevista na tipologia de sequências textuais de Adam (1992), tal como *explicação*, dado que, nessa tipologia, o autor contempla os tipos sequenciais *narrativo* e *explicativo*. Acresce que as etapas ou fases em que se estruturam alguns géneros da LSF (a *narrativa*, o *exemplum* e o

1. Convém sublinhar que não só as designações, mas também as conceptualizações dos géneros diferem. Trata-se de categorizações, ou seja, de recortes da realidade distintos, porquanto se baseiam em critérios igualmente distintos e configuram classificações com origens divergentes: nas reflexões e propostas de investigadores/especialistas (no caso da LSF) e nas práticas discursivas habituais das formações sociodiscursivas que se servem dos géneros (no caso da classificação em géneros adotada noutros enquadramentos teóricos). Cf., a este propósito, Silva (2021).

episódio, entre outros) têm designações iguais às que foram propostas por Adam (1992) para caracterizar as diferentes macroproposições de tipo *narrativo*: orientação, complicação, resolução, avaliação.

Não obstante a flutuação concetual daí resultante, parece ser uma promissora linha de reflexão considerar que podem ser estabelecidas pontes entre a conceção dos géneros na LSF e os tipos de sequências textuais, segundo Adam (1992) (e, eventualmente, os tipos de textos, segundo Werlich, 1983). É que, em todos estes casos, convenções e configurações textuais (isto é, de produtos de língua) se enraízam em determinados objetivos comunicativos, para além de serem sustentados pela linguagem em uso, ou seja, socialmente enquadrada. Poderá, então, haver mais vantagens em identificar as semelhanças, promovendo uma aproximação entre pesquisas a realizar, do que em estabelecer limites e distinções insuperáveis.

2.3. O GÉNERO NA LINGUÍSTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL (LSF) E NOUTROS ENQUADRAMENTOS

Quando o foco incide na comparação entre as duas classificações em géneros (a da LSF, por um lado, e a que poderíamos encontrar no ISD, entre outros quadros teóricos possíveis, ou mesmo as propostas didáticas para a disciplina de Português dos ensinos básico e secundário), observa-se que as classes propostas diferem porque resultam de concetualizações distintas, ou seja, de modos diferentes de classificar a mesma realidade – os textos. De facto, as classes genológicas e as respetivas propriedades, tal como são assumidas em áreas e teorizações como o ISD, a Análise do Discurso (Maingueneau, 2014) e a Linguística Textual/Análise Textual dos Discursos (Adam, 2008), diferem das categorias que são consideradas géneros no seio da LSF.

Na LSF, são usados apenas dois critérios para identificar, caracterizar e delimitar os géneros: o objetivo comunicativo visado na produção de um dado texto e as fases ou as etapas em que ele se estrutura. Esta perspetiva prevê, por conseguinte, um critério situacional ou externo (o objetivo comunicativo) e um critério textual ou interno (que radica na estrutura composicional dos textos).

Em contraste com esta perspetiva, no seio da Linguística Textual – mais precisamente, no âmbito da Análise Textual dos Discursos –, Adam (2001) prevê oito tipos de critérios para a identificação e análise de textos de qualquer género: de natureza enunciativa, pragmática, semântica, composicional, estilístico-fraseológica, material, metatextual e peritextual. E, no âmbito da Análise do Discurso, Maingueneau (2014) contempla também múltiplas normas associadas à produção de textos de cada género, que se assemelham às que foram propostas por Adam (2001)².

Outro ponto que convém sublinhar é o seguinte: na LSF, os dois critérios previstos (objetivo comunicativo e estrutura composicional) aplicam-se a todos os géneros; ou seja, cada género é necessariamente identificado e caracterizado com base nesses dois critérios. Já nos restantes enquadramentos, com destaque para o ISD, é consensual a ideia segundo a qual os géneros são identificados e caracterizados com base em critérios múltiplos e heterogêneos, como se indicou, e os critérios que servem para identificar os textos de um dado género não são necessariamente os mesmos que permitem identificar os textos de um outro género.

Os enquadramentos referidos distanciam-se, portanto, quer nas classes genológicas que preveem, quer na aplicação dos critérios que visam a sua identificação e caracterização. Para aprofundar esta reflexão, impõe-se sistematizar os fundamentos em que assentam as duas

2. Os papéis dos interlocutores, o tempo e o espaço adequados propostos por Maingueneau (2014) inscrevem-se nos critérios de tipo enunciativo, segundo Adam (2001); a finalidade dos textos produzidos corresponde ao critério de natureza pragmática; do mesmo modo, aspetos composicionais, os recursos linguísticos e os meios de suporte e circulação podem ser perspetivados como equivalentes ao que Adam (2001) concebe como componentes de tipo composicional, estilístico-fraseológico e material.

perspetivas sobre os géneros, procurando responder às seguintes questões: *porque diferem e em que diferem* as duas classificações em géneros?

As diferenças entre as duas classificações têm origem nas conceções distintas de ambas. Por um lado, a classificação em géneros da LSF integra etiquetas e classes que foram propostas por especialistas para uma taxonomia relativamente estável. A título de exemplo, as classes *explicação fatorial* e *explicação sequencial* parecem ter sido delimitadas e nomeadas dessa maneira pelos autores que apresentaram a classificação. Assim, na sua conceção, trata-se de uma classificação técnica ou especializada, que podemos considerar como elaborada por via erudita e, como tal, dotada de uma forte coerência interna.

Já a classificação em géneros adotada na maioria dos restantes quadros teóricos é a que resulta da etiquetagem e da delimitação em classes com origem nas formações sociodiscursivas em que elas são usadas. Por exemplo, as designações e as propriedades de classes como a *tese de doutoramento* e a *dissertação de mestrado* radicam nas comunidades académicas que se servem desses géneros, ou seja, decorrem de práticas discursivas estipuladas *de facto* e *de jure* nessas comunidades de falantes³. Também as designações e as propriedades de géneros como a *ata*, o *despacho*, o *regulamento* ou o *decreto-lei* não dependem de etiquetagem especializada, antes emergiram no seio das formações sociodiscursivas em que esses géneros são usados e em que circulam. Trata-se, portanto, de classes de textos que, ao longo dos anos, foram moldadas e etiquetadas por indivíduos que desempenhavam tarefas no âmbito dessa área de atividade socioprofissional: a da justiça e da administração pública.

Assim, a categorização em géneros adotada pela maioria dos quadros teóricos no âmbito dos estudos do discurso configura uma classificação empírica, que poderíamos considerar popular,

3. Não deixa de ser pertinente referir a este respeito que os termos *tese* e *dissertação* poderão surgir nos mesmos contextos em várias línguas (cf. *Master Thesis, PhD Dissertation*). Em Portugal, o Decreto-Lei 26/92 de 13 de outubro estipula o uso de *tese* para doutoramento e de *dissertação* para mestrado.

no sentido em que é familiar, quer aos membros das formações sociodiscursivas específicas, quer a outros que, porventura, se deparem com esses textos. É o que sucede com classes como a *ata*, o *regulamento*, o *poema*, o *conto* ou a *notícia*. Não obstante alguma adjetivação flutuante, trata-se de designações socialmente construídas, o que apenas reforça a sua relevância na área dos estudos do discurso.

Esta diferença reflete-se numa outra: a classificação em géneros da LSF é tendencialmente fechada, não se prevendo que venha a incluir novas categorias ou que algumas das que ela integra sejam descartadas. E isso deve-se ao facto de se tratar de uma classificação cujas etiquetas e cujas categorias foram propostas por especialistas num quadro de aplicação absoluta de dois critérios, um interno e outro externo.

Quanto à classificação em géneros adotada na maioria dos restantes quadros teóricos, ela é aberta, uma vez que novas classes podem ser acrescentadas e outras podem cair em desuso, de acordo com as necessidades e a evolução das práticas discursivas no seio das sociedades. Aliás, segundo Bronckart (1997, p. 110), não é sequer possível listar todos os géneros atualmente existentes, porque as fronteiras entre eles são, além de esbatidas, dinâmicas e, por conseguinte, mutáveis: “[les genres] sont organisés en nébuleuses, aux frontières floues et mouvantes, et ne peuvent en conséquence faire l'objet d'un classement définitif”.

A tabela n.º 1 sistematiza as propriedades das duas classificações em géneros anteriormente referidas.

Tabela 1 – Propriedades das classificações em géneros adotadas em diferentes quadros teóricos

Géneros na LSF	Géneros em outros quadros teóricos
Classificação técnica ou especializada	Classificação empírica
Classificação fechada	Classificação aberta

Estas reflexões parecem comprovar que adotar duas concepções tão diferentes acerca de classes que servem de base às pesquisas realizadas no âmbito dos estudos do discurso – os géneros – dificulta e pode mesmo inviabilizar a adoção recíproca de propostas e de contributos dos diversos enquadramentos.

2.4. TEXTO E DISCURSO: GÉNEROS TEXTUAIS E GÉNEROS DISCURSIVOS

Outra dificuldade atestada quando se procura conciliar propostas de mais do que um quadro teórico reside na subespecificação do conceito de género. No seio de várias disciplinas e orientações teóricas já referidas, designadamente no Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997), na Análise do Discurso (Maingueneau, 2014) e na Linguística Textual/Análise Textual dos Discursos (Adam, 2008), distinguem-se os conceitos de texto e discurso⁴.

Trata-se de uma distinção de natureza eminentemente metodológica: o conceito de **texto** designa o produto verbal em cuja análise se privilegia a caracterização das suas propriedades internas. Assim, quando adota uma perspectiva de análise textual, o investigador foca-se nos elementos verbais e textuais, ou seja, nos mecanismos que fazem com que o produto constitua um texto (“um todo de significado”, caracterizado pela coerência).

4. Note-se, porém, que a distinção tem vindo a ser atenuada, sobretudo porque se assume que “le contexte entre dans la construction du sens des énoncés” (Adam, 2008, p. 31).

O conceito de **discurso** refere-se ao produto verbal em cuja análise se privilegia a caracterização das propriedades externas. Deste modo, adotando-se uma perspectiva de análise discursiva, a atenção incide preferencialmente nos fatores externos, ancorados na situação de comunicação, que influenciam a produção verbal, incluindo o tempo e o espaço físico e sociocultural, assim como os interlocutores e os respetivos papéis socioprofissionais.

Deve ser sublinhado que o objeto de estudo de ambas as perspectivas é o mesmo – as produções verbais com interlocutores específicos, que se situam num dado tempo sócio-histórico e num dado espaço geográfico e sociocultural. Por conseguinte, nenhuma das abordagens deverá menosprezar o contexto quando procede à análise do texto (Gouveia & Santos, 2022). Por isso, mais do que uma verdadeira oposição, há, em rigor, uma relação de complementaridade entre as duas perspectivas.⁵

Todavia, porque conferem um lugar proeminente a esta distinção metodológica e a aplicam ao conceito de género, no seio de algumas teorizações, distingue-se géneros textuais (ou géneros de texto) e géneros discursivos (ou géneros do discurso).

No âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), os géneros são geralmente designados e concebidos como **géneros textuais**. Significa isso que as classes genológicas são preferencialmente identificadas com base em propriedades internas, a partir das escolhas dos sujeitos falantes na construção dos textos. São privilegiados, portanto, os “formatos textuais que moldam ou organizam a utilização da língua” (Miranda, 2010, p. 90) na caracterização dos géneros. Avultam, neste caso, características como a distribuição dos conteúdos e os mecanismos de coesão atestados nos textos de um dado género.

5. Segundo Adam (2002b, p. 571), “il est préférable de distinguer texte et discours comme les deux faces complémentaires d’un objet commun prise en charge par la linguistique textuelle – qui privilégie l’organisation du cotexte et la cohésion comme cohérence linguistique (...) – et par l’analyse du discours – plus attentive au contexte de l’interaction verbale (...)”. Assim, “ces deux concepts [texte et discours] se chevauchent et se recoupent en fonction de la perspective d’analyse choisie” (Adam, 2008, p. 30). Em Coutinho (2023), pode encontrar-se um elucidativo conjunto de reflexões que problematizam e caracterizam de forma adequadamente desenvolvida estes dois conceitos.

No âmbito da Linguística Textual/Análise Textual dos Discursos (Adam, 2008) e da Análise do Discurso (Maingueneau, 2014), os géneros são mais frequentemente referidos como **géneros discursivos**. Ao conceber estas classes como modelos de comunicação influenciados pelos contextos sócio-históricos, assume-se que os géneros são balizados por propriedades externas ou situacionais, as quais se refletem inevitavelmente nas propriedades internas dos textos. Na identificação e caracterização dos géneros, privilegia-se, então, o facto de as práticas verbais se situarem inevitavelmente em contextos situacionais específicos.

Dado que se trata de uma oposição muito específica, a distinção texto-discurso constitui uma dificuldade que pode impedir a adoção recíproca de propostas teóricas, concetuais e metodológicas entre os quadros indicados (que constituem as principais escolas de língua francesa, cujas pesquisas radicam nos estudos do discurso e que atrás foram já indicadas) e a Linguística Sistémico-Funcional. Sublinham-se igualmente as diferenças na conceção de *discurso* de movimentos e projetos com extensíssima aplicação na didática do inglês, como o Inglês para Fins Académicos ou o movimento *Writing Across the Curriculum*. Por fim, também os Estudos Retóricos de Género terão um entendimento distinto do conceito de texto, que poderá corresponder a textos integrais ou a secções específicas, conforme o seu propósito comunicativo (cf. o modelo de Bunton, 2002, referido em 3.). Em suma, entre estas teorizações, há perspetivas de análise, propostas teóricas e objetos de estudo distintos.

Talvez esta questão possa constituir um obstáculo menor, em especial porque os três enquadramentos teóricos de língua francesa considerados neste estudo reconhecem que os géneros dependem de propriedades múltiplas e heterogéneas (cf. secção 2.3.); ou seja, para identificar e caracterizar os géneros, recorre-se a critérios externos ou situacionais e a critérios internos ou textuais. Além disso, como referido em 2.3., os critérios requeridos para identificar um dado

género não são necessariamente os mesmos que são relevantes para identificar um outro género. Acresce que o reconhecimento dos géneros se fará sempre analisando os objetos empíricos que são os textos, neles detetando as formas linguísticas de nível microtextual que suportam a estrutura macrotextual. Por fim, estes quadros reconhecem basicamente as mesmas classes genológicas: *tese de doutoramento, romance, decreto-lei, editorial*, etc.

Assim, parece ser possível relativizar ou desvalorizar, em parte pelo menos, a importância da distinção entre géneros textuais e géneros discursivos que se encontra nos referidos enquadramentos. Aliás, na superfície textual, pode-se adotar a designação género sem qualquer especificação acrescida, o que permite camuflar (embora não superar) a distinção teórica apoiada no seio dos quadros indicados.

A questão mais relevante poderá ser, neste caso, a seguinte: se, como parece ser consensual, os géneros se definem com base em propriedades simultaneamente situacionais e textuais, qual é a utilidade do exercício de privilegiar (ainda que apenas numa perspetiva metodológica) alguns tipos de propriedades – textuais ou discursivas? Por falta de espaço para a aprofundar e porque extravasa os objetivos e o fôlego deste artigo, deixa-se propositadamente a questão em aberto, para privilegiar uma demonstração prática de conciliação que demonstre as vantagens de abordagens complementares.

Um exemplo muito evidente é a análise de textos académicos introdutórios com base num esquema argumentativo de movimentos retóricos e de passos (Swales, 1990, 2004; Bunton, 2002), construídos a partir de expressões-chave que constituem pacotes lexicais (Biber, 2005), e que será desenvolvido infra (ver secções 3. e 4.). Conforme se verá, os padrões detetados nas escolhas de linguagem parecem indiciar que as introduções dos artigos científicos exibem

preferências que podem ser comuns às de introduções em teses de doutoramento, mas que pertencem a um leque menos amplo, possivelmente por constrições de espaço textual. A ser confirmada, esta pequena diferença pode constituir um bom indício de que é legítimo distinguir os dois géneros de texto – *tese de doutoramento e artigo* – também por as suas introduções patentarem algumas diferenças.

3. MODELO COMPÓSITO DE ANÁLISE TEXTUAL

Para ilustrar de forma exploratória as potencialidades da conciliação entre contributos de diferentes enquadramentos, que poderão até ajudar a diferenciar géneros, iremos utilizar um modelo de análise comum no seio dos estudos do discurso aplicados ao inglês académico, que presta atenção à estruturação de conteúdos, com óbvios fins didáticos: o modelo CARS (acrónimo de *Create A Research Space*; Swales, 1990), adaptado à análise da *introdução* (Bunton, 2002), e que é complementarmente sustentado por estruturas linguísticas recorrentes como, entre outras, os pacotes lexicais (Biber, 2005). Genericamente, tais estruturas podem considerar-se mecanismos de realização textual, tal como proposto no âmbito do ISD (Coutinho e Miranda, 2009).

Observando o que este modelo implica, verificamos que estão em causa propriedades textuais enquadráveis na componente composicional da Linguística Textual (Adam, 2001), que Swales, no âmbito do Inglês para Fins Académicos (1990, 2004), agrupa em movimentos e passos (*moves e steps*, no original), norteados por um objetivo comunicativo retórico: o de convencer os leitores-pares da validade, necessidade e utilidade da investigação subjacente a um artigo científico.

Cada movimento textual corresponde a um segmento textual com um objetivo retórico-pragmático preciso em relação à comunidade discursiva – aqui entendida como sinónimo de formação sociodiscursiva, ou grupo de investigadores de uma dada área disciplinar do meio académico. Responde ainda a determinadas necessidades ou exigências próprias do processo de pesquisa e do texto através do qual ele é comunicado. No caso da *introdução de um artigo científico* (ou de outros textos académicos, como a *tese de doutoramento* ou a *dissertação de mestrado*), os movimentos retóricos cumprem a necessidade de (i) estabelecer perante os pares a pertinência de um território ou domínio temático de investigação (“establishing a territory”), (ii) situar e delimitar um espaço próprio dentro desse território (“establishing a niche”) e, por fim, (iii) ocupar esse espaço (“occupying the niche”), criando ao mesmo tempo ligação ao território mais vasto, isto é, ao domínio de especialização da pesquisa (Swales, 1990, p. 140-142). Em rigor, cada um desses movimentos sucessivos consiste, respetivamente, em enquadrar a pesquisa numa área do conhecimento, indicar um espaço dessa área que ainda não foi devidamente estudado e apresentar a especificidade da pesquisa que se introduz.

Dentro destes três movimentos, os passos constituem segmentos textuais de menor extensão, cujo objetivo é o de ajudar a construir a arquitetura argumentativa própria de uma *introdução*. Nas introduções dos textos do género *artigo científico*, movimentos e passos encontram-se configurados por mecanismos de realização textual (Coutinho & Miranda, 2009) da componente composicional, isto é, do plano de texto (Adam, 2002a). Assim sendo, nesta secção inicial ritualizada dos textos académicos, movimentos e passos são reconhecíveis através de algumas das propriedades mais salientes do plano de texto (Bunton, 2002), especialmente estruturas linguísticas recorrentes.

Ainda que muitas dessas estruturas possam ser escolhidas para construir movimentos e passos, a observação de alguns exemplares recentes do género *artigo científico* mostra padrões de encadeamento de ideias e preferência por determinadas palavras ou conjuntos de palavras que, na senda de Biber (2005), designaremos como “pacotes lexicais”. Estas sequências de palavras possuem determinadas características estruturais, como uma certa fixidez, e ocorrência estatisticamente interessante em conjuntos de textos do mesmo género, ainda que não pertençam necessariamente à mesma área disciplinar. Podem assim considerar-se verdadeiros mecanismos de realização textual, mas não marcadores nem parâmetros de género, uma vez que são transversais a *artigos, teses, dissertações, relatórios* e, até, *abstracts* ou *resumos*. Note-se também que não falamos aqui da natural função das unidades multilexicais de natureza nominal e de carácter denominativo das linguagens especializadas, como “energia eólica”, “estruturas de mercado” ou “inflação a x dígitos” (Nascimento, 2013, p. 241). Antes, trata-se de sequências utilizáveis em qualquer disciplina, que poderão até ser pontuais num dado texto, mas que tendem a ocorrer de forma regular em conjuntos de textos do mesmo género e podem utilizar-se em qualquer domínio científico ou técnico, cumprindo determinados objetivos comunicativos: indicar uma atitude (“nesta perspetiva”, “deste ponto de vista”), assinalar a organização do texto (“este trabalho divide-se em x partes”), ou fornecer marcos referenciais (“Tendo em conta os resultados apurados”).

Conforme as propostas de Swales (1990, 2004) e de Bunton (2002), as introduções dos textos académicos iniciam-se pelo movimento 1 (doravante M1), estabelecendo a importância do tema escolhido. O M1 poderá estar assinalado por passos como o da designação do campo ou domínio de investigação, ou o da identificação e delimitação do seu âmbito. No movimento 2 (M2), os passos podem assinalar uma lacuna da investigação prévia, um problema não resolvido ou uma hipótese de trabalho, a que se segue o movimento 3 (M3), onde se estabelecem os

critérios para a resolução ou resposta, se indicam os meios ou procedimentos que permitiram alcançá-las e se enumeram ou anunciam resultados, demonstrando como a pesquisa levada a cabo constitui um contributo válido, importante e inovador para a área científica em que o artigo se enquadra. Outros passos podem surgir ou ser suprimidos, conforme o teor do trabalho (cf. Tabela 1).⁶

Movimentos retóricos	Exemplos de passos
M1 – Delimitação da área de investigação	P1 Argumentação a favor da centralidade do tema e/ou da sua importância P2 Informações genéricas sobre o tema e sua contextualização P3 Definição de conceitos P4 Revisão de investigação prévia P5 Parâmetros / critérios da investigação (eventual)
M2 – Delimitação do nicho de investigação	P1 Indicação de uma lacuna P2 Problema ou necessidade P3 Questões da pesquisa [...]
M3 – Ocupação do nicho	P1 Delimitação de propósitos, fins ou objetivos P2 Hipótese de trabalho (em resposta ao P1 do M2) P3 Tarefas levadas a cabo, metodologias, métodos P4 Descobertas, resultados, produtos ou propostas da investigação P5 Estrutura / plano do texto e das secções [...]

6. A tabela 1 é uma adaptação, da qual foram retirados passos não atestados no *corpus* ora em análise, ou que poderão figurar em mais do que um movimento, como acontecia no original de Bunton (2002), Considerando as práticas discursivas patentes no *corpus*, optou-se por uma redução do esquema original, admitindo, todavia, que as diferenças podem resultar de uma menor extensão dos textos e/ou de uma maior experiência de escrita académica dos seus autores. Também pode acontecer que o modelo de Bunton, configurado a partir de teses de doutoramento escritas em Hong Kong nos finais do século XX, necessite de adaptações, quando aplicado a outros *corpora*, decorrentes do facto de estarmos perante um género académico distinto. Estas possibilidades, em especial a última, necessitam de uma análise muito mais ampla de textos do género artigo científico ainda em curso que, por outro lado, alteraria por completo o âmbito definido para o presente trabalho. Tabela 2 – (tradução e adaptação dos autores com base em Bunton (2002, p. 74))

7. O *corpus* utilizado foi recolhido para outra pesquisa sobre o género artigo científico (Santos e Silva, 2023). É constituído por 60 artigos escritos por pelo menos um/a autor/a de língua portuguesa, considerado/a como modelo por ser investigador/a principal de uma unidade de I&D em Portugal. Os textos foram publicados entre 2013 e 2022, sendo 30 de CTEM e 30 das Ciências Sociais e Humanas e das Humanidades (incluindo Sociologia, Economia, História, Estudos Literários e Linguística). Do conjunto, foram extraídas para o presente trabalho as secções com o título *Introdução / Introduction*. A maioria dos textos encontra-se em inglês, por se tratar de publicações internacionais, algumas delas em revistas especializadas com revisão cega por pares e alto fator de impacto. Esta vertente justifica indiretamente os escassos exemplos em língua portuguesa.

8. Número convencional de identificação do artigo no *corpus* original (ver nota anterior), correspondente à referência bibliográfica na lista final.

Esta forma ritualizada de organizar o plano composicional de uma introdução de artigo científico encontra-se atestada em inúmeros exemplos, especialmente em áreas de Ciências, mais especificamente de Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática (CTEM), como se demonstra de seguida, recorrendo a exemplares textuais autodenominados artigos científicos e acessíveis em linha através de bases de dados.⁷

4. APLICAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE COMPÓSITO

No *corpus*, o início da *introdução* (INT) é assinalado pelo M1 – Delimitação da área científica, cujos passos incluem mostrar por que motivo a investigação é importante no mundo de hoje e/ou na área disciplinar. Conforme se constata por exemplos retirados de artigos de Economia (1), Sociologia (2) e Engenharia Informática (3), uma das frases de abertura tende a ser um mecanismo de realização textual muito concreto – um *pacote lexical* construído em torno de um verbo copulativo (destaque por negritos e enquadramentos nossos):

- (1) “Foreign direct investment (FDI) **has been an important element** in financial globalization (...)” [7]⁸
- (2) “(...), *bringing the voices and experiences of these socioeducationally disadvantaged youths to the debates on youth and politics is fundamental* (...)” [4]
- (3) “*Studying cooperation is thereby significant for two reasons* (...) [46, 57].” [9]

O pacote lexical consiste numa afirmação mais ou menos perentória a respeito da pertinência ou importância do tema, construída em torno do verbo “to be”, com o domínio de especialização ou seu equivalente desempenhando funções de sujeito e um adjetivo valorativo (“important”, “fundamental”, “significant”) como predicativo do sujeito, o que não impede que

existam, embora mais raramente, configurações alternativas:

(4) “The intensive use of antibiotics for human purposes leads to their continuous liberation into wastewater treatment plants (WWTP) **meaning important implications** in the environmental occurrence of these compounds. (...)” [3]

Cumprindo dois passos distintos do M1 – o da contextualização da pesquisa e o da revisão da investigação prévia, surgem sequências de palavras comutáveis entre si, em domínios tão distintos quanto a Climatologia (5) e as Ciências Farmacêuticas (6)⁹:

(5) “**Integrated analysis of these proxies has revealed** a close coupling of North Atlantic SST, regional climate, and Iberian ecosystems during the last three glacial cycles, including changes in vegetation dynamics. (...)” [1]

(6) “Consequences of antibiotics in the environment **are well documented**, primarily involving bacterial resistance development (...)” [3]

Assinala-se de novo alguma tendência para o uso do verbo “to be” no pacote lexical que delimita a respetiva secção textual da introdução no exemplo (6). Também se aplica aos casos em que a própria metodologia já foi utilizada, ou em que se pretende propor uma nova, em contraponto à de anteriores pesquisas:

(7) “**One commonly applied palynological metric is the** abundance of temperate tree pollen (...)” [1]

(8) “**The use of** electronic performance-tracking systems to obtain spatiotemporal data in association football (football, for simplicity) **is becoming a generalized practice for performance analysis.**” [5]

9. Exemplos integrais, isto é, correspondendo à totalidade dos passos em cada texto. Esta constatação indicia igualmente que nem todos os passos ou movimentos ocupam a mesma extensão de texto, o que constitui outro ponto a explorar futuramente.

(9) “Of the wide range of numerical methods, the most popular are the finite element method (FEM), the finite difference method (FDM) and the boundary element method (BEM).” [8]

Por fim, é igualmente comum, embora não necessariamente na frase de abertura, anunciar o domínio científico ou o enquadramento global:

(10) “Estes apontamentos poderão ser assim inscritos em dois domínios principais: a **paleo-linguística** (...) e a **hidronímia** (...)” [14]

(11) “**Background**

The world is now facing a pandemic caused by a novel coronavirus, named Severe Acute Respiratory Syndrome virus corona virus 2 (SARSCoV-2).” [10]

A análise destes exemplos indicia que a complementaridade das abordagens interacionistas (Bronckart, 1997; Coutinho & Miranda, 2009), da Linguística Textual (Adam, 2001, 2008) e dos estudos do discurso aplicados ao Inglês para Fins Académicos (Swales, 1990, 2004; Buntton, 2002) se podem casar produtivamente, em especial ao reconhecerem nos pacotes lexicais acima destacados um mecanismo de realização textual que escora os passos típicos do M1 num artigo científico.

No M2, correspondente à delimitação do espaço individualizado da pesquisa que originou o artigo (cf. de novo Tabela 1), os passos mais comuns são os da identificação da lacuna, problema, necessidade ou questão, via de regra logo após a contextualização. O respetivo mecanismo de realização textual consiste no recurso aos articuladores e conectores de oposição, seguindo-se a indicação de falta de trabalhos na área. O uso de “however” em início de frase tipicamente

anuncia um problema no domínio importante que foi apresentado no passo imediatamente anterior:

(12) “**However**, the nature of such land–sea connections is partially obscured by the size of catchments from which the pollen is derived (...)” [1]

(13) “**However**, these previous studies did not consider how choices of herbivores for certain leaves within a plant may affect the interaction between these mite species (...)” [2]

(14) “**However**, the possibilities for using personal data, including sensitive data, even for scientific research purposes, which are recognised by International, European Union and National laws, exist **but** they are not broad.” [6]

(15) “None of these papers, **however**, provides evidence of actual corporate governance improvements.” [7]

Embora o uso de conectores e de articuladores deva ser distinguido do recurso aos pacotes lexicais, aqui constitui igualmente mecanismo de realização textual, na medida em que se insere num conjunto de dois passos, sendo o primeiro de oposição ao facto de um determinado tópico ou assunto estar já documentado na bibliografia revista e o segundo a identificação do nicho ainda não explorado. Por conseguinte, o que se considera mecanismo é a concatenação, no plano composicional, de uma relação lógica de oposição, que pode ser assinalada também por outros conectores, ainda que mais raros:

(16) “Testing the links between terrestrial and marine systems benefits from continental climate archives that provide precisely dated and high-resolution rainfall-sensitive time series spanning tens of millennia, **but** such records remain rare in Iberia, particularly near the west Iberian margin (...)” [1]

(17) “The contagiousness and rapid spread has been a main characteristic of this outbreak **but** the transmission routes for person-to-person virus infection are not fully understood. (...) Airborne transmission for corona virus has not yet been clearly established **but** there is growing evidence for aerosol-driven infection.” [10]

A oposição em dois passos emparelhados introduz o problema, lacuna, pergunta ou questão, a que se segue a expectável solução, colmatação ou resposta, identificando ao mesmo tempo o espaço de trabalho específico da investigação oferecida à formação sociodiscursiva da respetiva área disciplinar:

(18) [PROBLEMA]: “(...) the effect of the presence of heterospecific competitors on the within-plant distribution of herbivores **has not been studied extensively** (...) [SOLUÇÃO] **We aimed to fill this gap** by studying the performance and preference of two herbivorous spider mites coinfesting old or young leaves of the same host plant.” [2]

A articulação problema-solução constitui um importante mecanismo de composição textual das *introduções*, sendo a sua formulação pouco variada. A repetição ao longo dos artigos do *corpus* sugere que corresponde ao horizonte de expectativas das formações sociodiscursivas, sendo de considerar como uma opção importante no próprio discurso académico, ou seja, transversal a vários géneros textuais. Neste aspeto, a conciliação de abordagens inicialmente defendida revela ser especialmente proveitosa para entender as redes de ligações entre práticas sociodiscursivas plasmadas no discurso académico.

A identificação do espaço próprio pode ainda assumir características específicas da área disciplinar, como no caso seguinte, em que a delimitação corresponde a um determinado período histórico:

(19) “**O presente artigo centra-se no período de 1999 a 2019** seguindo uma análise qualitativa a partir dos documentos (...)” [11]

Por fim, na secção que antecede o anúncio da organização do texto subsequente, o M3 permite uma ocupação do espaço atrás identificado e dos passos dados para encontrar a solução, o que inclui a apresentação da hipótese, novamente recorrendo a pacotes lexicais que utilizem essa expressão:

(20) “**The main hypothesis is that there is a positive governance spillover for nontarget firms** (...)” [7]

(21) “Com base noutras propostas paleolinguísticas de reconstituição etimológica das designações de outros cursos de água europeus, **tentaremos apresentar aqui uma hipótese** que faz remontar as origens desta forma a uma era muito antiga da história do povoamento da região percorrida pelo Almorode e que admite a combinação, no interior deste hidrónimo, de formas provenientes de diversas línguas (...)” [14]

Outras formas de apresentar a hipótese recorrem a verbos relacionados, como “explorar”, “(de)mo(n)strar”, “avaliar”:

(22) “**In the present study, we aimed to explore the application of player-ball-goal angles (PBGA) in CPA** (...)” [5]

(23) “Trata-se neste texto de tentar **mostrar** três coisas (...)” [12]

(24) “(...) **this study will assess how** Lutheran doctrines and other elements of the Reformation circulated, were subject to surveillance and were curbed within the Portuguese empire (...)”. [13]

A apresentação inclui ocasionalmente a metodologia e / ou os resultados, como no exemplo (25), se possível com destaque para a inovação ou diferença em relação ao que já existe, como nas expressões destacadas de (26)-(30):

(25) **“To test these hypotheses, we use firm-level data on corporate governance and cross-border M&As in 64 target countries over 2005–2014, covering both emerging and developing nations (...).”** [7]

(26) **“(...) These time series offer a rare site-specific continental record capable of examining the coherence of SST controls on Iberian climate and ecosystem dynamics across glacial and interglacial periods. The new record provides a continental perspective of hydroclimate dynamics linked to regional oceanographic conditions.”** [1]

(27) **“Addressing how interspecific competition interacts with leaf age to define the within-plant distribution of spider mites will not only shed light on this study system, but also contribute to our general understanding of how changes in within-plant distribution may shape herbivore communities.”** [2]

(28) **“This work reports the first survey of several FQs concerning WWTPs of the North region of Portugal using an innovative analytical method.”** [3]

(29) **“This article presents an improvement in the treatment of boundary conditions based on the idea of developing a reliable method for engineering analysis. The novelty of the proposed method lies in the modification of BEM integral kernels (...).”** [8]

(30) **“With these experiments and model, we open a new route to study strategies that efficiently incentivize cooperation in CRDs through partner selection (...).”** [15]

O mecanismo é associável ao que, num texto de um género publicitário, procuraria convencer à aquisição de um produto, bem ou serviço. Por esta razão, o conjunto de expressões construídas em torno da relação lexical ou morfológica das palavras “new” – “innovative” – “novelty”, e ainda da relação semântica entre esse conjunto e as expressões “first (survey)” – “shed light” permitem concluir que a estrutura composicional de uma introdução termina com uma verdadeira estratégia retórica que, mais do que argumentativa, será persuasiva.

5. SÍNTESE

Os exemplos apresentados, que necessariamente resultam de uma seleção entre muitos outros possíveis, parecem demonstrar como determinadas práticas sociodiscursivas poderão configurar-se nos planos de texto do género incluído *introdução* do artigo científico, o que abre um caminho promissor na congregação de diferentes enquadramentos dos estudos de discurso. Recorde-se que a proposta compósita original reúne contributos da Linguística Textual, como o plano de texto (Adam, 2002a), e um modelo de análise do discurso académico, baseado em movimentos retóricos e passos (Swales, 1990; Bunton, 2002). Além disso, os conceitos de género, de texto e de discurso (Bronckart, 1997; Adam, 2008; Maingueneau, 2014) aliam-se aos de mecanismos de realização textual (Coutinho & Miranda, 2009), sustentados por escolhas lexicais e sintáticas. Acresce que parece ser promissora a linha de reflexão sobre a possibilidade de conciliar as famílias de géneros da classificação proposta no seio da LSF com os tipos de textos (Werlich, 1983) e os tipos de sequências textuais (Adam, 1992). Especificamente, poderá ser aproveitada a coincidência de etiquetagem em alguns géneros (como, por exemplo: notícia jornalística, resenha e relato) para, mediante uma análise de propriedades textuais, elencar e classificar as convergências possíveis.

Parece-nos assim que a simbiose entre enquadramentos é teoricamente válida e metodologicamente rentável, além de se prestar a intervenções pedagógicas proveitosas. Em especial, as recorrências detetadas permitem constituir bancos de dados para auxílio à didática da escrita académica, por exemplo. Será essa uma futura linha de trabalho.

REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. (1992). *Les textes. Types et prototypes*. Nathan.
- _____. (2001). En finir avec les types de textes. In M. Ballabriga (Org.), *Analyse des discours. Types et genres: communication et interprétation* (pp. 25-43). EUS.
- _____. (2002a). Plan de texte. In P. Charaudeau, & D. Maingueneau (Orgs.), *Dictionnaire d'Analyse du Discours* (pp. 433-434). Éditions du Seuil.
- _____. (2002b). Texte. In P. Charaudeau, & D. Maingueneau (Orgs.), *Dictionnaire d'Analyse du Discours* (pp. 570-572). Seuil.
- _____. (2008). *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. 2.e éd. Armand Colin.
- Bazerman, Ch., Little, J., Bethel, L., Chavkin, T., Fouquette, D., & Garufis, J. (2005). *Reference guide to Writing Across the Curriculum*. Parlor Press.
- Biber, D. (2005). Paquetes léxicos en textos de estudio universitario: Variación entre disciplinas académicas. *Revista Signos*, 38(57), 19-29. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-09342005000100002>
- Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours*. Delachaux et Niestlé.
- Bunton, D. (2002). Generic moves in PhD Thesis Introductions. In J. Flowerdew (Ed.), *Academic Discourse* (pp. 57-75). Pearson Education.
- Coutinho, M.A. (2023). *Linguística do texto e do discurso*. Húmus.
- Coutinho, M. A., & Miranda, F. (2009). To Describe Genres: Problems and Perspectives. In Ch. Bazerman, A. Bonino, & D. Figueiredo (Eds.), *Genre in a Changing World, Perspectives on Writing* (pp. 35-55). The WAC Clearinghouse and Parlor Press. <http://wac.colostate.edu/books/genre/>
- Devitt, A. (2004). *Writing genres*. Southern Illinois University.
- Gouveia, C., & Santos, J. V. (2022). Texto e Contexto: Que Relações? In P. Silva, L. F. Barbeiro, F. Caels, C. Gouveia, J. V. Santos, C. Marques, & C. Barbeiro, *Teorias discursivas em diálogo: Perspetivas e análises* (pp. 13-50). Grácio Editor.
- Halliday, M. A. K. (2014). *Halliday's Introduction to Functional Grammar* (4th ed., rev. Ch. Matthiessen). Routledge.
- Maingueneau, D. (2014). *Discours et analyse du discours*. Armand Colin.

ARTIGO RECEBIDO A
04/07/2023
ARTIGO APROVADO A
15/10/2023

Miranda, F. (2010). Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Fundação Calouste Gulbenkian.

Nascimento, M. F. B. (2013). Processos de lexicalização. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (pp. 215-246). Fundação Calouste Gulbenkian.

Rose, D., & Martin, J. (2012). *Learning to write, reading to learn: Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Equinox.

Santos, J. V., & Silva, P. N. (2023). Encruzilhadas do Artigo Científico: Língua, plano de texto, tempos verbais e voz autoral. *Linha D'Água*, 36(2), 26-43. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v36i2p26-43>.

Schneuwly, B., & Dolz, J. (1999). Os gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, 11, 5-16. https://www.anped.org.br/sites/default/files/rbe/files/rbe_11.pdf

Schneuwly, B., & Dolz, J. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Mercado de Letras.

Silva, P. N. (2021). O conceito de género em diversos enquadramentos teóricos. In M. C. Caetano (Org.), *Cadernos WGT: Voltar a falar em Gramática & Texto* (pp. 7-24). CLUNL.

Swales, J. (1990). *Genre analysis. English in academic and research settings*. Cambridge University Press.

_____(2004). *Research genres. Explorations and applications*. Cambridge University Press.

Werlich, E. (1983). *A text grammar of English*. 2nd ed. Quelle & Meyer

REFERÊNCIAS DO CORPUS

- [1] Denniston, R., Houts, A., Asmerom, Y., Wanamaker Jr., A. D., Haws, J. A., Polyak, V. J., Thatcher, D. L., Setsen, A.-O., Borowske, A. C., Breitenbach, S. F. M., Ummenhofer, C. C., Regala, F. T., Benedetti, M., & Bicho, N. (2018). A stalagmite test of North Atlantic SST and Iberian hydroclimate linkages over the last two glacial cycles. *Clim Past*, 14, 1893-1913. DOI: <https://doi.org/10.5194/cp-14-1893-1913-2018>.
- [2] Godinho, D. P., Janssen, A., Li, D., Cuz, C., & Magalhães, S. (2020). The distribution of herbivores between leaves matches their performance only in the absence of competitors. *Ecology and Evolution*, 10, 8405-8415. DOI: <http://doi.org/10.1002/ece3.6547>
- [3] Maia, A. S., Paíga, P., Delerue-Matos, C., Castro, P M. L., & Tiritan, M.E. (2020). Quantification of fluoroquinolones in wastewaters by liquid chromatography-tandem mass spectrometry. *Environmental Pollution*, 259, 1-10. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2020.113927> 0269-7491.
- [4] Malafaia, C., Neves, T., & Menezes, I. (2021). The Gap Between Young and Politics: Youngsters Outside the Regular School System assessing the Conditions for Becoming Political Subjects. *Young*, 1-9. DOI: <http://doi.org/10.1177/1103308820987996>.
- [5] Carrilho, D., Couceiro, M. S., Brito, J., Figueiredo, P., Lopes, R. J., & Araújo, D. (2020). Using Optical Tracking System Data to Measure Team Synergic Behavior; Synchronization of Player-Ball-Goal Angles in a Football Match. *Sensors*, 20, 4990. DOI: <http://doi.org/10.3390/s20174990>.
- [6] Lopes, I.C., Doetsch, J., Redinha, M. R., & Barros, H. (2019). A protecção de dados e o processamento de dados pessoais de crianças nascidas muito prematuramente ou com peso muito baixo para a investigação científica na área da saúde. *Revista Eletrónica de Direito*, 3(20), 89-112. DOI: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/123369/2/362343.pdf>
- [7] Albuquerque, R., Brandão-Marques, L., Ferreira, M. A. & Matos, P. (2019). International Corporate Governance Spillovers: Evidence from Cross-Border Mergers and Acquisitions. *The Review of Financial Studies*, 32(2), 738-770. DOI: <http://doi.org/10.1093/rfs/hhy053>.
- [8] Romero, A., Galvin, P., & Tadeu, A. (2020). An accurate treatment of non-homogeneous boundary conditions for development of the BEM. *Engineering Analysis with Boundary Elements*, 116, 93-101. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.enganabound.2020.04.008>.
- [9] Santos, F. P., Mascarenhas, S., Santos, F. C., Correia, F., Gomes, S., & Paiva, A. (2020). *Autonomous Agents and Multi-Agent Systems*, 34, article number 40. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10458-020-09463-w>.

- [10] Correia, G., Rodrigues, I., Gameiro da Silva, M., & Gonçalves, T. (2020). Airborne route and bad use of ventilation systems as non-negligible factors in SARS-CoV-2 transmission. *Medical Hypotheses*, 141, 109781. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.mehy.2020.109781>.
- [11] Martins, B., Silva, R., & Coelho, L.S. (2020). O Poder Simbólico e a Cooperação Portuguesa: Uma análise sobre o papel da Língua. *Cadernos de Estudos Africanos*, 39, 17-30. DOI: <https://doi.org/10.4000/cea.4706>.
- [12] Constâncio, J. (2018). Schopenhauer, Mestre de Nietzsche: Sobre Nihilismo e Ascetismo. *Sofia*, 7(2), 59-81. DOI: <https://doi.org/10.47456/sofia.v7i2.21839>.
- [13] Paiva, J. P. The Impact of Luther and the Reformation in the Portuguese Seaborne Empire: Asia and Brazil, 1520-1580. *Journal of Ecclesiastical History*, 70(2), 283-303. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022046918002658>.
- [14] Veloso, J. (2020). Almorode: O rio que corre entre as árvores cortadas. Notas sobre um hidrónimo da Bacia do Leça. Linguística. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 15, 165-173. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/9479/0>.
- [15] Santos, F.P.; Mascarenhas, S.; Santos, F.C.; Correia, F.; Gomes, S.; Paiva, A. (2020). Picky losers and carefree winners prevail in collective risk dilemmas with partner selection. *Autonomous Agents and Multi-Agent Systems*, 34:40. <https://doi.org/10.1007/s10458-020-09463-w>

